

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE UNB PLANALTINA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
GESTÃO DO AGRONEGÓCIO

ANÁLISE DE CUSTOS DA PRODUÇÃO DE UVA NO CENTRO-OESTE: UM
ESTUDO DE CASO NA REGIÃO DE FORMOSA - GO

Jaqueline Perozzo

Orientador: Professor Mauro Eduardo Del Grossi

Relatório Final de Estágio Obrigatório

Planaltina, DF

2016

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE UNB PLANALTINA

Jaqueline Perozzo

**ANÁLISE DE CUSTOS DA PRODUÇÃO DE UVA NO CENTRO-OESTE: UM
ESTUDO DE CASO NA REGIÃO DE FORMOSA - GO**

Relatório final de estágio submetido à Faculdade UnB Planaltina da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Grau de Bacharel em Gestão do Agronegócio

Orientador: Professor Dr. Mauro Eduardo Del Grossi

Relatório Final de Estágio Obrigatório

Planaltina, DF

2016

RESUMO

Com a crescente importância do setor da viticultura no Goiás, propôs-se um estudo de caso sobre custos de produção em uma propriedade de agricultura familiar localizada em Formosa-GO. Especifica-se todos os dados de custos de produção, alguns índices de rentabilidade, margem bruta e margem líquida e alguns aspectos da comercialização, com sistema de cultivo de uva do tipo latada. Apesar de alguns problemas enfrentados a produção se mostrou economicamente viável, com índices de lucratividade maiores que os do Rio Grande do Sul.

Palavras-chaves: Uva, Custos de produção, Sistema de Produção, Goiás.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. CARACTERIZAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO	9
3. OBJETIVO GERAL	10
4. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	10
5. PRODUÇÃO DE UVA NO BRASIL	11
5.1. Fatores de Produção	11
5.2. Índices Produtivos	16
5.3. Rio Grande do Sul	18
5.4. Santa Catarina	18
5.5. Paraná	19
5.6. São Paulo	20
5.7. Minas Gerais	20
5.8. Espírito Santo	21
5.9. Goiás	22
5.10. Mato Grosso	22
5.11. Vale do Sub-Médio São Francisco	22
6. PRODUÇÃO DE UVA NO ESTADO DE GOIÁS	23
7. ANÁLISE DE CUSTOS	25
7.1. Custos Fixos	26
7.2. Custos Variáveis	26
7.3. Custo Unitário ou Custo Médio	27
7.4. Custos Operacionais	27
7.5. Ponto de Equilíbrio	28
7.6. Custo de Oportunidade	28
7.7. Depreciação	29
7.8. Perdas	30

8. RECEITAS	30
9. ANÁLISE DE RENTABILIDADE	31
9.1. Margem Bruta	31
9.2. Margem Líquida	31
9.3. Resultado Financeiro	32
10. RESULTADOS.....	32
CONCLUSÕES.....	36
11. REFERÊNCIAS.....	37
ANEXOS.....	40

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Sistema de Condução - Espaldeira	12
Figura 2: Sistema de Condução – Latada	13
Figura 3: Sistema de Condução - GDC ou "Y"	14
Figura 4: Sistema de Condução - Lira ou "U"	14
Figura 5: Ponto de Equilíbrio.....	28

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Principais variedades produzidas no Brasil.....	16
Tabela 2: Produção e Rendimento médio no mês de novembro, 2014 x 2015	17
Tabela 3: Área plantada e Área colhida no mês de novembro, 2014 x 2015	17
Tabela 4: Produtividade - Goiás janeiro 2014/ 2015	24
Tabela 5: Produtividade - Goiás Novembro 2014/ 2015	24
Tabela 6: Custos Variáveis.....	27
Tabela 7: Custos de produção em 2015 para 1 ha. de uva tipo Niágara Rosada	33
Tabela 8: Volume de Produção.	34

1. INTRODUÇÃO

As primeiras informações sobre uva no Brasil foram em 1532, através dos colonizadores portugueses, mas teve grande impulso quando foi difundida no Rio grande do Sul através dos imigrantes Europeus, principalmente Italianos, a partir de 1875.

A produção de uva no Brasil ainda está concentrada na região Sul do país, mas essa realidade vem mudando. As regiões com climas tropicais estão ganhando espaço, devido aos novos fatores de produção que viabilizam o cultivo da uva. Regiões como Centro-Oeste estão ganhando mercado, por conseguirem realizar dois ciclos produtivos nos parreirais.

O estado de Goiás iniciou o cultivo a partir de da década de 1990, com uvas do tipo americana e híbridas, destinadas para a produção de vinhos e sucos e para o comércio *in natura*. Atualmente o Estado possui mais de 500 hectares distribuídos em mais de 20 municípios, participando com 49,62% da produção total do Centro-Oeste.

Os custos do cultivo da videira na região Centro-Oeste, comparados aos do Rio Grande Sul são maiores, mas são compensados pela realização de dois ciclos anuais ao invés de um. Dessa forma, o Estado de Goiás possui uma produção na entre safra, alcançando preços melhores, gerando maior rentabilidade. Segundo o IBGE (2015) o rendimento do Rio Grande do Sul foi de 47% menor.

Os custos totais da produção para o hectare, representaram 65,69% da receita total. O ponto de equilíbrio de produção foi de 3.743,97kg/ha, sendo que a produção do ano 2015 superou em 53,83% essa quantidade.

2. CARACTERIZAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO

A propriedade denominada Chácara dos Vinhedos Santo Antônio dos Alves, está localizada na cidade de Formosa – GO, na comunidade rural Santo Antônio dos Alves, tendo como atividade econômica principal o cultivo de uva.

A Chácara dos Vinhedos iniciou as atividades do cultivo de uvas no ano de 2006, através da sociedade entre pai e filho, rompida em 2009. É caracterizada como propriedade de agricultura familiar, possui 5,8 ha, com um parreiral de 2 ha. A condução do pomar é feita por apenas 1 pessoa, o proprietário, contando com a ajuda eventual de mão de obra temporária.

A cultivar de uva produzida é a Niágara do tipo Rosada e Branca (ANEXO I), sendo a Niágara Rosada em sua maioria. A escolha desse tipo de cultivar se deu por ser a cultivar mais indicadas para climas tropicais e o sistema de condução do parreiral é o “latada”.

3. OBJETIVO GERAL

- Análise dos custos e da viabilidade econômica da produção de uva na região de Formosa – GO, na safra 2015.

4. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Coletar os dados dos custos de produção;
- Analisar as informações coletadas;
- Realizar visitas a campo para coletar informações do sistema produtivo da uva;
- Realizar pesquisas teóricas sobre o cultivo da videira
- Realizar pesquisas teóricas sobre análise de custos, mercado e comercialização da uva na região de estudo.

5. PRODUÇÃO DE UVA NO BRASIL

O primeiro relato de uva no Brasil se deu no ano de 1532, através dos colonizadores portugueses, trazido por Martin Afonso de Souza para a Capitania de São Vicente, atualmente Estado de São Paulo, (Embrapa Uva e Vinho, 2014). Posteriormente a produção de uva se difundiu no Estado do Rio Grande do Sul, mas com o passar dos anos foi ganhando espaço em várias partes do país. Passou da região Sul para o Sudeste, São Paulo e Minas Gerais, que se tornaram grandes produtores; no Centro-Oeste, Goiás e Mato Grosso vem apresentando potencial e o Nordeste que se tornou referência na produção de uva para exportação, como o vale do São Francisco.

As regiões produtoras de uva no país possuem climas e altitudes diferentes. Segundo a Embrapa uva e vinho (2014) a altitude varia de 30° S no Rio Grande do Sul a 9° S na região Nordeste, havendo a necessidade de adaptações no sistema produtivo. Os parreirais de clima temperado possuem ciclo anual com período de dormência, pois são regiões com temperaturas baixas em épocas específicas do ano, características da região do sul do país. Em clima subtropical, com invernos mais curtos e com temperaturas amenas a produção é realizada em ciclo anual, mas com manejo específico pode haver dois ciclos anuais, como em algumas regiões do Paraná e São Paulo que adotam sistemas especiais de manejo. Em regiões de clima tropical, Centro-Oeste e Nordeste e até algumas regiões do Sudeste, as parreiras não sofrem dormência pois as temperaturas são mais elevadas, possibilitando duas ou mais colheitas ao ano e maior controle do período produtivo, (CAMARGO Et.al; 2011).

5.1. Fatores de Produção

Para cada região o sistema produtivo se diferencia. Alguns Estados ainda trabalham com o sistema tradicional onde a maioria da força das atividades vem da mão-de-obra humana, e em outras regiões, vêm modificando para o sistema produtivo mais mecanizado em virtude das exigências do mercado. Os sistemas de condução das videiras mais utilizados no Brasil são os espaldeira e o latada, porém outros dois sistemas estão ganhando espaço o GDC e o Lira (EMBRAPA, 2014).

Segundo a Embrapa uva e Vinho (2014) o sistema espaldeira é um dos mais utilizados no mundo e no Brasil é encontrado em todas as regiões produtoras, sendo que o parreiral fica de forma vertical, facilitando sua mecanização, mas pode

ocasionar a diminuição da produtividade devido a maior intensidade de sombra. A figura 1 ilustra um parreiral nesse sistema.



Figura 1: Sistema de Condução - Espaladeira

Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=sistema+de+condu%C3%A7%C3%A3o+da+videira+espaladeira&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiR2liBkpXKAhXMIJAKHV_nBV0Q_AUIBygB&biw=1517&bih=741&dpr=0.9#imgrc=N0nf15_La gMcoM%3A> pesquisado em 06/01/2016 as 10:12

O sistema de condução Latada é conduzido de forma contrária ao espaladeira, ou seja, horizontalmente, é considerado o sistema mais tradicional e muito presente no Rio Grande do Sul. Possui maior produtividade e maior rentabilidade, favorece a locomoção dentro da videira, facilitando bastante a entrada de sol, mas caso não houver um manejo adequado das folhas o sombreamento é ainda maior que o espaladeira, possuindo um custo de implantação maior e dificulta a mecanização (EMBRAPA UVA E VINHO, 2014).

A figura 2 explica o funcionamento do sistema latada, conforme a legenda a baixo.

- a) cantoneira;
- b) poste externo;
- c) rabicho;
- d) poste interno;
- e) cordão primário,
- f) cordão secundário;
- g) cordão-rabicho;
- h) fio simples. (EMBRAPA UVA E VINHO, 2014)

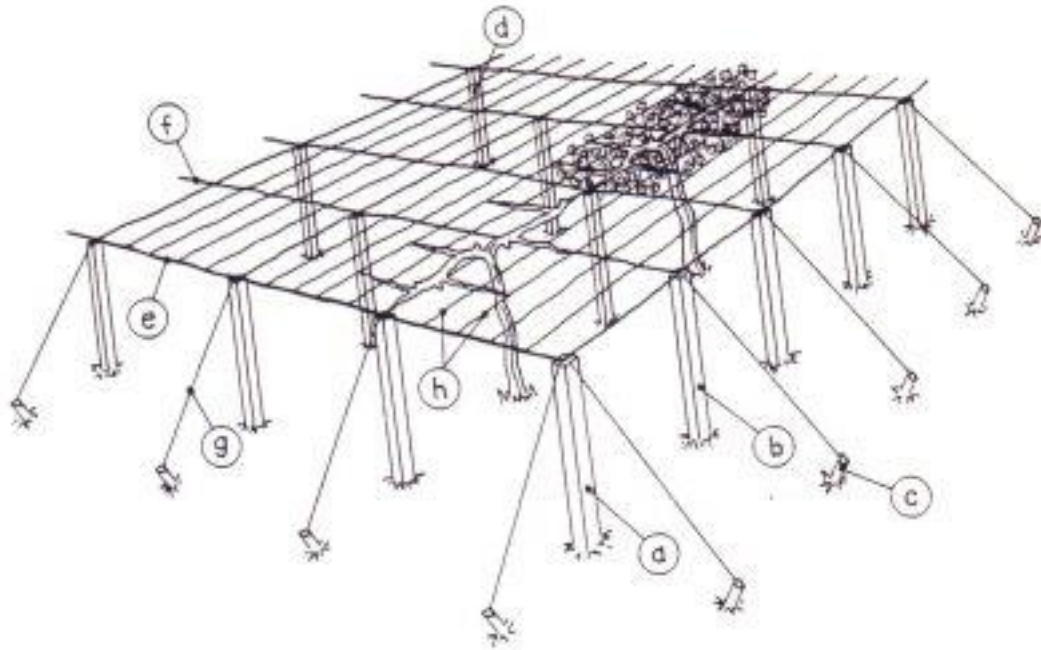


Figura 2: Sistema de Condução – Latada
Fonte: Embrapa Uva e Vinho, 2014

O sistema GDC possui duas 'barras' verticais paralelas com os ramos iniciais na parte superior e os galhos voltados para baixo, formando um "Y", como é mais conhecido no Brasil. O sistema foi criado com o objetivo de aumentar a produtividade, facilitar a mecanização dos parreirais e melhorar a qualidade do fruto. O sistema permite maior exposição ao sol, maior área de contato na hora do controle fitossanitário, porém o custo para a implantação é maior que o dos demais sistemas (EMBRAPA UVA E VINHO, 2014, e HERNANDES & JÚNIOR, 2011).



Figura 3: Sistema de Condução - GDC ou "Y"
Fonte: Embrapa Semiárido, 2004

O sistema Lira ou "U" segue o mesmo sentido do GDC com algumas diferenças as duas 'barras' são levemente inclinadas para fora e possui duas barras de sustentação, como mostra a figura 4, (EMBRAPA UVA E VINHO, 2014)

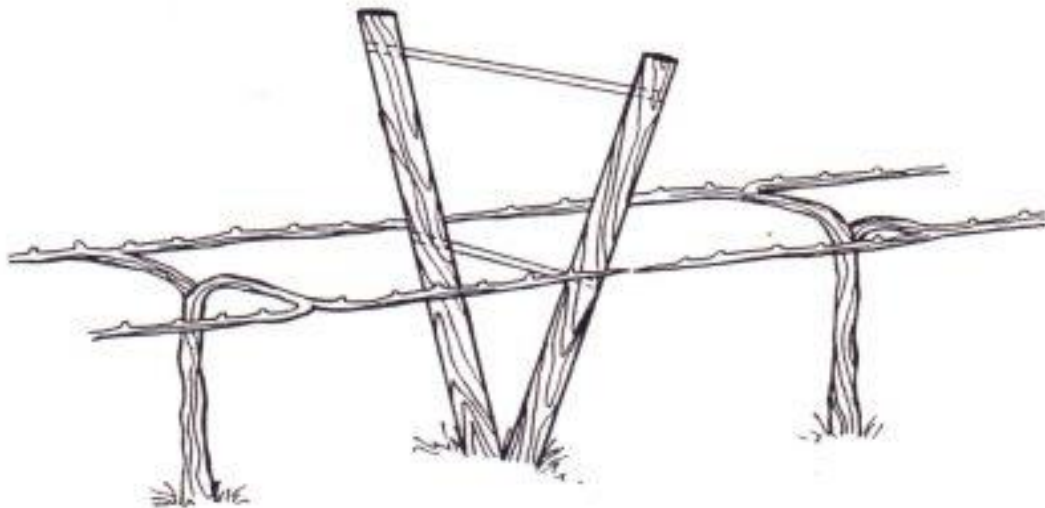


Figura 4: Sistema de Condução - Lira ou "U"
Fonte: Embrapa Uva e Vinho, 2014.

Outro fator importante para produção é a cultivar escolhida para o plantio conforme as características da região. Segundo Camargo (S.d.) A videira pertence ao

gênero *vitis* e a família *Vitaceae*, o gênero possui mais de 60 espécies que são classificadas conforme a região de origem, asiáticas, europeias e americanas.

As espécies asiáticas possuem 29 espécies reconhecidas e são encontradas da Sibéria até a Indonésia, nenhuma das espécies possui cultivar comercial. As uvas tipo americanas, bastante encontradas no Brasil, apresenta 34 espécies, presente desde o Canadá até a Venezuela, mas apenas três delas podem ser cultivadas a espécie *Vitis Labrusca*, segunda mais produzida no mundo, *Vitis Bourquina* e *Vitis Rotundifolia*. As uvas europeias possuem apenas duas espécies a *Vitis Vinífera*, a mais cultivada no mundo, e a *Vitis Silvestris*.

No Brasil a *Vitis Vinífera* é conhecida como uvas finas ou europeias e a *Vitis Labrusca*, *Vitis Bourquina* e *Híbridas Interespecíficas*, como uvas comuns. Na tabela 1 estão descritas as principais cultivares produzidas no Brasil. As uvas finas são produzidas principalmente no Rio Grande do Sul e no Nordeste e as Uvas Comuns, representando mais de 80% da produção do país (Camargo.)

Tabela 1: Principais variedades produzidas no Brasil

<i>Vitis Vinífera (Uvas Finas)</i>	<i>Vitis Labrusca/ Bourquina e Híbridas interespecíficas (Uvas Comuns)</i>
Tintas	Tintas
Cabernet Sauvignon	Isabel
Merlot	Bordô
Cabernet Franc	Concord
Tannat	Jacquez
Ancellota	Herbemont
Pinot Noir	Cynthian
Egiodola	Couderc Tinto
Syrah	Seyve Villard Tinto
Alicante Bouschet	Brancas
Brancas	Niágara Branca
Moscato Branco	Niágara Rosada
Riesling Itálico	Couderc 13
Chardonnay	Moscato Embrapa
Prosecco	BRS Lorena
Trebbiano	Seyval
Moscato Giallo	

Fonte: Camargo, S.d.

5.2. Índices Produtivos

A produção brasileira está em constante crescimento. Segundo a OIV (Organização Internacional de Uva e Vinho), o Brasil é um dos países que mais está crescendo na América do Sul, e no período de 2009 a 2011 cresceu 9%, atrás somente do Peru, com crescimento de 20%. Tomando apenas o período de 2010 e 2011, comparando com 2009, o Brasil cresce 10,7%.

No levantamento do IBGE de 2015 a produção, área colhida e o rendimento tiveram números positivos em relação ao ano anterior, mas a área plantada teve um decréscimo de 0,44%, significando que a produtividade dos parreirais brasileiros aumentou, como mostram as tabelas 2, e 3

Tabela 2: Produção e Rendimento médio no mês de novembro, 2014 x 2015

Produção de uva no Brasil				Rendimento Médio de uva no Brasil			
Produto (ton.)	Safr		Variação (%)	Produto (Kg/ha.)	Safr		Variação (%)
	2014	2015			2014	2015	
Uva	1.453.889	1.507.421	5,42	Uva	18.461	19.273	4,40

Fonte: SIDRA IBGE

Tabela 3: Área plantada e Área colhida no mês de novembro, 2014 x 2015

Área Plantada de uva no Brasil				Área Colhida de uva no Brasil			
Produto (ha.)	Safr		Variação (%)	Produto (ha.)	Safr		Variação (%)
	2014	2015			2014	2015	
Uva	80.752	79.594	-1,43	Uva	78.753	78.213	0,69

Fonte: SIDRA

5.3. Rio Grande do Sul

O Estado do Rio Grande do Sul é o pioneiro na produção brasileira de uva, que começou através da chegada dos imigrantes italianos no estado, principalmente na região Central e na Serra Gaúcha após o ano de 1875. O Estado começa a enfrentar algumas dificuldades como, clima não favorável as videiras, baixo investimento externo, pouca tecnologia disponível, e principalmente pela falta de cultivares que se adaptassem melhor a região, fizeram com que, a partir de 1970, o Rio Grande do Sul perdesse o pioneirismo, (PROTAS & SILVA, 2011).

Em meados dos anos de 1970 começa uma nova era da viticultura, continuando nas regiões da Serra e surgindo nas regiões de Campanha. Com os investimentos estrangeiros a produção começou a ser destinada a vinhos finos e espumantes. Hoje são destacados quatro polos produtores: a Serra gaúcha, localizada no nordeste do Estado, considerado o maior produtor; a região da Campanha e a região da Serra do Sudeste tiveram como marco inicial da produção através de um projeto de estudo instalado pelo IPAGRO, e por fim o ultimo polo, a região Central, que é caracterizada por ser o mais tradicional do Estado, (PROTAS & SILVA, 2011).

5.4. Santa Catarina

Da mesma forma que o Rio Grande do Sul, a origem da viticultura Catarinense é devido a colonização dos italianos. Possui três regiões que são destaque: a região do Vale do Rio do Peixe, região Carbonífera, e a região do Vale do Rio Tijucas (PROTAS & SILVA, 2011).

Protas & Silva (2011) cita um estudo que o EPAGRI/Videira realizou no estado, que Santa Catarina possui 4.070 ha. de uva e que 20% são de variedades *Vitis vinífera* e 80% com variedades americanas, sendo a maioria destinada para a produção de vinha, 70%, para o consumo *in natura*, uvas de mesa, 20% e os demais 5% para a produção de vinhos coloniais.

A Região do Vale do Rio do Peixe é caracterizada por propriedades pequenas e diversificadas, os municípios que se destacam são, Tangará, Pinheiro Preto e Videiras. As variedades mais cultivadas são as americanas e híbridas.

Outra região produtora de uva em Santa Catarina é a região Carbonífera, localizada no sul do Estado, as cidades mais produtoras são, Urussanga, Pedras Grandes e Morro da Fumaça. A região é composta, na sua grande maioria, por imigrantes de origem italiana e as propriedades produtoras são de pequeno porte.

Através de projetos implantados o litoral sul de Santa Catarina alcançou grande desenvolvimento na produção de uva, vinho e sucos, e dessa forma é atrativo para turistas. As cidades apontadas como as maiores produtoras são, São Joaquim, Caçador e Campos Novos.

As cidades, Nova Trento e Major Gercino fazem parte da última região, a Vale do Rio Tijucas, reconhecida pela produção de vinhos coloniais. As duas cidades somam 150 ha. de videiras e a produção de Nova Trento atende apenas 10% da sua demanda e vem perdendo espaço por pouco investimento em tecnologias e falta de profissionais especializados em uva e enologia, (PROTAS & SILVA, 2011).

5.5. Paraná

No Estado destaca-se duas regiões, a região Norte, caracterizada pela produção de uvas finas de mesa e a região metropolitana de Curitiba, que produz uva para produção de vinhos de mesa. Além dessas duas regiões cidades do interior produzem uvas, em escalas menores.

A região Metropolitana de Curitiba tem sua importância reconhecida desde 1940, através da criação da Estação Experimental de Viticultura e Enologia, construída no município de Campo Largo. Tem como as cidades mais produtoras, Colombo, São José dos Pinhais e Campo Largo.

A partir da década de 1960, até os dias atuais, o cultivo da uva diminuiu devido a infestação da praga pérola-da-terra que extinguiu praticamente todos os parreirais dessa região, e apesar da praga já ter sido controlada, a produção ainda continua inviável por falta de mão-de-obra, custos muito elevados e fatores urbanos, em virtude desses motivos toda a uva processada nessa região é vinda do Rio Grande do Sul (PROTAS & SILVA, 2011).

A região Norte do Paraná, tem como principal cidade produtora a cidade de Marialva, onde o cultivo de uva foi iniciado através dos colonizadores

japoneses por volta dos anos de 1970, devido ao clima subtropical as parreiras conseguem atingir até dois ciclos vegetativos o que ocasiona duas colheitas ao ano. As principais cultivares são as uvas finas de mesa, uvas rústicas de mesa e uvas rústicas para processamento (PROTAS & SILVA, 2011).

5.6. São Paulo

Destaca-se duas regiões produtoras em São Paulo. A região Leste, pioneira no cultivo de uva no Estado, e em 1980 iniciou a produção na região Noroeste. Na região Leste a produção vem a partir do início do sec. XX. A produção possui dois destinos, para elaboração de vinhos e para o consumo *in natura*.

São Roque, Jundiaí, Louveira, Vinhedo e Atibaia são as cidades destaques na região Leste. Produzidas em pequenas propriedades e na maioria com mão-de-obra familiar, a produção é destinada para vinhos e uvas de mesa. Atualmente a realidade da região é a mesma da região Metropolitana do Paraná, as únicas propriedades que ainda trabalham, fazem apenas o envase de vinhos que é produzido através das uvas importadas do RS. Algumas vinícolas estão tentando implantar novos parreirais para diminuir a dependência do Rio Grande do Sul, a tentativa de implantar uvas finas. Itália e Benitaka não vem obtendo sucesso, pois o custo é muito elevado e essas cultivares exigem mais mão-de-obra; dessa forma está ocorrendo a substituição para cultivar Niágara rosada.

A região Noroeste tem como principal produtor a cidade de Jales o clima permite duas colheitas/ano, mas a região costuma realizar duas podas e apenas uma colheita devido a intensa presença de doenças na época das águas.

Na região também está ocorrendo a transição, ainda em números menores, de uvas finas para rústicas. Outro tipo de cultivar na região são as uvas sem sementes, mas ainda de formar incipiente (PROTAS & SILVA, 2011).

5.7. Minas Gerais

Minas Gerais possui três regiões produtoras de uva: região Sul do Estado, produzindo uvas do tipo américas e híbridas, região Norte com produção de uvas de mesa, com destaque para a cidade de Pirapora e por último a região com cidades de maior altitude, produzindo uva para elaborar vinhos finos.

A produção da região Sul é destaque nas cidades de Caldas, Andradas e Santa Rita de Caldas. O sistema de cultivo das videiras, semelhante aos de antigamente, faz com que a produção não seja rentável, os custos muito elevados e baixa produtividade não geram lucros, mesma realidade de outros Estados.

Em 1980 os Japoneses levaram a produção de uva para a região Norte, principalmente em Pirapora, através de um projeto que visava a produção de uvas finas de mesa (Projeto Pirapora de irrigação), mas que atualmente vem sendo implantada a cultivar Niágara Rosada, seguindo o sistema de duas podas ao ano e apenas uma colheita, como na região Noroeste de São Paulo.

A comercialização das uvas é realizada nos Estados de Minas Gerais, principalmente em Belo Horizonte, além dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Segundo Protas (2011) a perda de qualidade e como consequência, queda dos preços das uvas originárias de Pirapora e com a dificuldade de controle fitossanitário, desestimulou os produtores ocorrendo uma redução de 50% da área produzida na região nos últimos 5 anos.

A última região conhecida por Projeto de Vinhos Finos, surge através de incentivos da EPAMIG – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais e da Estação Experimental de Caldas para implantação de parreiras de uva finas para elaboração de vinhos finos de alta qualidade associadas ao enoturismo. Os municípios de Andrada, Três Corações e Cordislândia os parreirais já estão produzindo, os municípios de Três Pontas, Diamantina e Caldas estão sendo implantados (PROTAS & SILVA, 2011).

5.8. Espírito Santo

A atividade no Estado iniciou a partir dos imigrantes italianos nas cidades de Domingos Martins, onde o MAPA – Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento, instalou um polo experimental em Nova do Imigrante e Santa Teresa. A região costuma realizar apenas uma poda/ano mas em menores altitudes pode ser realizada duas podas (PROTAS & SILVA, 2011).

5.9. Goiás

Com um histórico ainda recente, a partir da década de 1990, a produção de uva no Goiás está localizada, principalmente, nas cidades de Santa Helena, Paraúna e Itaberaí, apesar de recente as expectativas são favoráveis. O Estado possui clima favorável para sistema produtivo de duas podas anuais e duas colheitas, apesar de, realizam-se apenas uma colheita, em virtude da alta incidência de doenças na época das chuvas. Outra vantagem do Estado é a colheita fora de época, o que ocasiona melhor preço do produto.

As cultivares produzidas são as do tipo americana e híbridas, destinadas para a produção de vinhos e sucos e para o comércio *in natura* (PROTAS & SILVA, 2011)

5.10. Mato Grosso

Através de descendentes de Italiano que migraram da região Sul do país, na década de 1990 inicia-se a produção de uva no Mato Grosso, com o objetivo de produzir uvas de mesas. Nova Mutum, Lucas do Rio Verde e Primavera do Leste são as principais cidades produtoras.

Os produtores enfrentaram algumas dificuldades pela diferença climática e falta de assistência especializada, fazendo com que alguns produtores abandonassem o seu cultivo.

Com o clima semelhante ao do Goiás, o sistema produtivo segue o mesmo funcionamento, duas podas e uma colheita ao ano.

Como já é comum no cultivo de grãos o Estado enfrenta problemas com a logística, o mesmo acontece com os derivados da uva. Vinhos e sucos produzidos por vinícolas da região, não conseguem atingir novos mercados pela dificuldade de enviar o produto (PROTAS & SILVA, 2011).

5.11. Vale do Sub-Médio São Francisco

As cidades que são polos de produção no Vale do São Francisco são, Petrolina – PB e Juazeiro – BA, onde a produção teve início nos anos de 1960 com variedades de uva de mesa e a partir de 2005 foram introduzidas uvas da espécie *Vitis Labrusca* ou, como é mais conhecida no Brasil as uvas comuns

(Camargo, S.d.). Considerada uma região tropical, com clima semiárido, o que permite características próprias, diferentes de todas as demais regiões.

Em virtude dessas características únicas do sistema produtivo teve que ser adaptado para a região, tecnologias diferenciadas ajustadas ao clima permite a produção de 2,5 safras/ano, e a colheita é programada para qualquer dia do ano. Desta forma existe a oferta constante de uva, com exceção para as uvas sem sementes que é realizada 2 podas e apenas uma colheita, por causa dos melhores preços no exterior.

O foco principal é a produção de uvas de mesa, sendo considerado o maior polo do Brasil nesse segmento. A produção de uvas sem sementes é destinada em grande parte para o mercado externo e as de mesa com semente para o mercado interno (PROTAS & SILVA, 2011).

6. PRODUÇÃO DE UVA NO ESTADO DE GOIÁS

Segundo a Embrapa Uva e Vinho (2010) o estado possui 500 hectares de uva distribuídos em mais de 20 municípios, Santa Helena de Goiás, Paraúna, Itaberaí, Aragoiânia e Hidrolândia são os principais produtores do Estado, mas outras cidades, como, Alto Paraíso, Bela Vista, Bonfinópolis, Brazabrantes, Caldas Novas, Caldazinha, Cidade de Goiás, Formosa, Goianésia, Goiânia, Inhumas, Ipameri, Itapirapuã, Itapuranga, Itarumã, Itumbiara, Nerópolis, Nova Veneza e Senador Canedo estão iniciando os cultivos de uvas (FARIA et. al, 2013 apud. IBGE 2010).

O Estado vem ganhando destaque devido a vários fatores, mas pode-se destacar um em especial, o clima, com temperaturas mais elevadas durante o dia e as madrugadas mais frias, aumentando o teor Brix da uva, levando com que as uvas do Goiás sejam mais doces que a das demais regiões produtoras. O estado também está livre da ocorrência de geadas, não acarretando a dormência da videira, o que permite produzir até duas safras ao ano, sendo que no período da entressafra, quando o Rio Grande do Sul não possui produção, a uva alcança melhores preços, tornando viável o cultivo destas videiras (FARIA et. al, 2013).

Segundo o levantamento sistemático da produção agrícola do IBGE o mês de janeiro de 2015 Goiás teve uma produção menor que em 2014, mas com um rendimento maior que no ano anterior, como mostra a Tabela 4.

Tabela 4: Produtividade - Goiás janeiro 2014/ 2015

Estado Federativo	Ano	
Goiás	2014	2015 (janeiro)
Área Plantada (ha.)	138	117
Área Colhida (ha.)	138	117
Produção (Kg.)	3330	3000
Rendimento Médio (Kg/ha.)	24130	25641

Fonte: IBGE

Na safra de novembro de 2015 a área plantada e colhida foi menor que em 2014, mas sua produção e rendimento médio foram maiores, o que significa que ela se tornou mais eficiente, produziu mais em menos área, como demonstra a tabela 5.

Tabela 5: Produtividade - Goiás Novembro 2014/ 2015

Estado Federativo	Ano	
Goiás	2014	2015 (Novembro)
Área Plantada (ha.)	138	131
Área Colhida (ha.)	138	131
Produção (Kg.)	3.230	3.390
Rendimento Médio (Kg/ha.)	23.406	25.878

Fonte: IBGE

O aumento da rentabilidade do Goiás em 2015 pode ter diversos fatores, como quebra de safra nos demais estados, o que ocasiona elevação dos preços. Condições climáticas, pragas ou doenças são os problemas mais comuns quando ocorre queda na produção nacional.

No levantamento de dezembro de 2015 não consta os dados sobre uva, o que impossibilitou fazer um comparativo entre o primeiro e o último mês do ano.

Se compararmos, no mesmo período, a produção do Goiás em relação ao Centro-Oeste, que foi de 6.832 ha. em Novembro de 2015, representa 49,62%, quase a metade de uva produzida no Centro-Oeste é do Goiás. Comparando Goiás ao Brasil, ele representou 0,22%, já o Rio Grande do Sul, maior produtor, representa 58,13%. Apesar dessa grande diferença em questão de rentabilidade o Rio Grande do Sul fica atrás, pois o rendimento médio (R\$) do Goiás, segundo o IBGE (2015) foi de 25.878/ha. em nov-2015 e do rio Grande do Sul de 17.618/ha. em nov-2015 aproximadamente 47% menor.

Segundo Faria & Wander (2010) a produção de uva no Estado é uma inovação na agricultura, e para os agricultores familiares vem se tornando uma alternativa. Através das pesquisas realizadas pelos autores os agricultores familiares identificam a produção de uva como uma inovação, mas que ainda enfrentam muitas dificuldades, tanto financeiras, pois não existe uma linha de crédito direcionada para eles e dificuldades com assistência técnica especializada no cultivo de uva.

7. ANÁLISE DE CUSTOS

A globalização do setor agrícola, a mudança do mercado e as políticas agrícolas vem alterando os empreendimentos rurais, dessa forma as propriedades agrícolas necessitam tomar um posicionamento diferente frente a essas mudanças. O gerenciamento, quase nunca realizado, das propriedades vem se tornando uma ferramenta imprescindível para essa nova realidade (BATALHA, 2013).

A gestão nas propriedades rurais enfrenta aspectos específicos que são incontroláveis como, variações climáticas, perecibilidade dos produtos, pragas, doenças e como consequência desses aspectos a produção se torna sazonal, dificultando ainda mais o controle gerencial (BATALHA, 2013). Para facilitar esse controle o conhecimento dos custos envolvidos na produção e na propriedade são essenciais para a competitividade e a permanência no mercado.

Segundo Batalha (pg. 431, 2013) “um sistema para controle e análise de custos eficiente e confiável é ferramenta indispensável de apoio a decisão gerencial”

Batalha (2013) define como custos os gastos efetuados pela empresa para produzir um produto ou serviço, podendo eles serem de diferentes classificações, sendo as utilizadas nesse trabalho os custos fixos, variáveis, operacionais e médios.

7.1. Custos Fixos

Os custos fixos são aqueles que não sofrem alteração conforme o volume de produção, ou seja, produzindo mais ou menos os custos serão os mesmos (MARTINS, 2009). Os custos fixos podem ser aluguel, depreciação e manutenção de equipamentos e mão-de-obra fixa.

Batalha (2013) complementa que os custos fixos não variam em um prazo estipulado, geralmente um período curto, mas que com um tempo maior, médio ou longo, podem variar.

7.2. Custos Variáveis

Os custos variáveis estão diretamente ligados ao processo produtivo, pois irão variar conforme o volume produzido em um determinado período, isto é, que quanto maior for a quantidade produzida maiores serão os custos (MARTINS, 2009). Podemos dizer que os gastos para a distribuição dos produtos são variáveis. São considerados custos variáveis, os insumos para produção, como, adubos e fertilizantes, combustível e mão-de-obra contratada.

Segundo a Conab podemos considerar como custos variáveis as despesas de custeio da lavoura, despesas pós colheita e despesas financeiras, o detalhamento desses custos está na tabela 6

Tabela 6: Custos Variáveis

Despesas de Custeio da Lavoura	Despesas pós-colheita	Despesas Financeiras
Operações com aviões	Transporte externo	Juros
Operações com maquinas	Classificação	Impostos e taxas
Aluguel de maquinas	Beneficiamento	
Mão-de-obra temporária	Despesas com financiamento	
Sementes		
Fertilizantes		
Agrotóxicos		
Despesas administrativas		

Fonte: Conab

7.3. Custo Unitário ou Custo Médio

O custo unitário ou custo médio, pode ser definido no custo fixo, variável e/ou operacional em ambos sendo a relação do custo pela quantidade produzida (LOPES & CARVALHO).

Calculado pela seguinte equação:
$$Cu = \frac{\text{custo}}{\text{quantidade}}$$

7.4. Custos Operacionais

Podemos classificar dois tipos de custos operacionais o custo operacional efetivo (COE) e o custo operacional total (COT), sendo a diferença entre os dois é que o COT considera os encargos sociais. Segundo Oliveira et. al (2008) o COE “são as despesas efetuadas com mão-de-obra, operações de maquinas e equipamentos e materiais consumidos ao longo do processo produtivo e ciclo da cultura” e o COT é o COE adicionado os encargos sociais (OLIVEIRA, 2008).

Nos custos operacionais são inclusos os custos de mão de obra contratada. Quando a mão-de-obra é familiar, como é o caso da empresa onde o estudo está sendo realizado, e não recebe um salário, deve ser contabilizado

com um valor equivalente ao de um funcionário que desempenharia as mesmas funções.

7.5. Ponto de Equilíbrio

É o ponto no qual a empresa não tem prejuízo e nem lucro, é quando o volume produzido gera receitas que se igualam aos custos totais da propriedade, nesse caso o lucro é nulo e a partir desse ponto a empresa passa a ter lucro (LOPES & CARVALHO). A figura 5 demonstra o ponto de equilíbrio, o encontro das retas receita e custo.

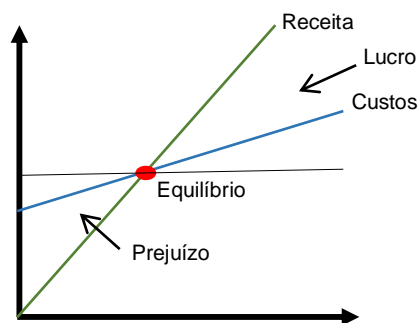


Figura 5: Ponto de Equilíbrio

Fonte: Autor

Segundo Lopes & Carvalho o ponto de equilíbrio pode ser calculado pela seguinte equação.

$$Q = \frac{CF}{P - CVu}$$

Q: Quantidade de uva produzida

CF: Custo fixo total da produção

CVu: Custo variável unitário

P: Preço de mercado da uva (R\$/Kg)

7.6. Custo de Oportunidade

O custo de oportunidade está diretamente ligado com a visão de que as empresas estão em situação de escassez de recursos. Levando em

consideração a escassez e a escolha que deve ser feita na aplicação desses recursos, o custo de oportunidade representa o que a empresa está deixando de ganhar escolhendo uma alternativa ao invés da outra (DENARDIN, 2004). Podemos citar como exemplo uma propriedade rural que utiliza a terra para produzir, mas sabendo que poderia arrendar a mesma, o custo de oportunidade aponta qual das opções é mais rentável para o produtor.

Em relação a terra pode ser utilizado o critério de remuneração da terra, em caso de arrendamento analisando o preço praticado na região. (LOPES & CARVALHO, s.d.)

7.7. Depreciação

Todos equipamentos, maquinas, benfeitorias e outros bens que a propriedade possui estão sujeitas a destruição por tempo de serviço ou por se tornarem ultrapassados. “A depreciação é o custo necessário para substituir os bens quando esses tornam-se inúteis pelo desgaste físico ou obsolescência. Representa a reserva de dinheiro que a empresa faz durante o período de vida útil provável do bem (benfeitorias, animais destinados a reprodução e serviços, maquinas implementos, equipamentos etc.), para sua posterior substituição” (LOPES & CARVALHO, s.d). Para o cálculo da depreciação são considerados, o valor pago pelo produto na data da compra, a vida útil e o valor do produto após a vida útil, como mostra a formula a seguir.

$$\text{Depreciação} = \frac{V_i - V_f}{n}$$

O cálculo de depreciação para culturas permanentes é baseado na quantidade de anos que planta der frutos. As condições de plantio, o clima da região e variedade são alguns fatores analisados por técnicos ou pelo próprio agricultor para indicar qual a vida útil da cultura analisada (SANTOS, 2009. p 73-74)

Segundo Santos (2009) existem dois métodos para o cálculo de depreciação em culturas permanentes. O primeiro é de acordo com produção total estimada pela produção real no ano em análise, dessa forma quanto maior é a produtividade do ano maior será o custo da depreciação. A segunda forma de cálculo é em taxas permanentes, pois analisa somente a vida útil da planta.

Segundo Marion (2007) a estimativa de depreciação da uva é de 5%, levando em consideração que a vida útil do parreiral é de 20 anos.

7.8. Perdas

As perdas estão presentes em todas as etapas da produção, comercialização e consumo do produto, sendo mais relevante a partir da pós-colheita, segundo o Manual de perda pós colheita de frutos e hortaliças da Embrapa, os índices mundiais podem variar de 15% a 80%.

“É definida como a redução não intencional de alimentos disponíveis para o consumo humano, sendo resultante de ineficiências na cadeia produtiva, tais como infraestrutura e logística deficientes e/ou falta de tecnologias para a produção. As perdas ocorrem, principalmente, na produção, pós-colheita e processamento, quando, por exemplo, o alimento não é colhido ou é danificado durante o processamento, armazenamento ou transporte” (CEPEA 2015; apud, FAO)

Segundo o CEPEA (2015), a ineficiência na logística após a colheita, na América Latina é responsável pela maioria das perdas que ocorrem no processo produtivo. Na propriedade de estudo, percebeu-se que a maior parte das perdas ocorrem na comercialização do produto, pois a uva é vendida, em sua maioria, a granel.

Através de análises realizadas junto ao produtor no período de três meses, sendo que no mês de dezembro de 2015 as perdas foram maiores devido à seca na região, ocasionando desgrana do cacho, as perdas foram, em média, 10% da produção total.

8. RECEITAS

Segundo Durlo (2012) as receitas são todos os valores monetários que uma empresa recebe em um determinado período. Basso (2011, p.60) complementa que esses valores recebidos podem ser de atividades primárias e secundárias, proveniente de vendas de produtos, bens ou serviços, podendo ser também de renda sobre títulos, juros de poupança entre outros.

Segundo Lopes & Carvalho (s.d.) a receita é obtida através da multiplicação do preço de mercado pela quantidade produzida, dessa forma encontramos a receita bruta.

9. ANÁLISE DE RENTABILIDADE

A análise de rentabilidade mensura qual o retorno obtido através dos investimentos realizados na propriedade, segundo a UFRS “A Rentabilidade é o resultado das operações da empresa em um determinado período em relação aos investimentos realizados. Envolve todos os elementos econômicos, operacionais e financeiros do empreendimento.”

Na análise de rentabilidade são avaliados diversos indicadores, como, margem bruta, margem operacional, margem líquida, ROE, retorno sobre o capital investido, rentabilidade do investimento e o giro do ativo, sendo que os indicadores de margem estão relacionados à lucratividade em relação as vendas e os demais a rentabilidade (UFRS, s.d). Neste trabalho utilizou-se os indicadores, margem bruta e líquida e por fim o resultado, que indica se a empresa rural está obtendo lucro ou prejuízo.

9.1. Margem Bruta

A margem bruta é indicador econômico que mostra a situação da empresa a curto prazo, auxilia na tomada de decisão de como deve-se utilizar os fatores de produção. Caso o valor da margem bruta for negativa indica que a curto prazo as atividades não são viáveis, se for positiva, indica que a atividade está se mantendo, a curto prazo (LOPES & CARVALHO, s.d).

Segundo Saldanha et.al (2004) a margem bruta pode ser calculada através da fórmula:

$$\text{margem bruta} = \text{renda bruta} - \text{custo variável}$$

9.2. Margem Líquida

A margem líquida indica rentabilidade de médio para longo prazo. Em casos de margem líquida negativa o produtor ainda pode continuar produzindo, se o custo operacional efetivo possa ser arcado pela propriedade, mas o

problema de descapitalização irá continuar em crescimento. Com a margem líquida positiva a atividade é segura, possibilitando maiores investimentos.

A margem líquida ainda possibilita outra situação para a propriedade, a de ponto de equilíbrio, quando o resultado da margem líquida é igual a zero (LOPES & CARVALHO, s.d).

Podemos calcular a margem líquida da seguinte forma:

$$\text{Margem Líquida} = \text{receta bruta} - \text{custo operacional total}$$

9.3. Resultado Financeiro

O resultado indica se a produção teve lucro ou prejuízo. Para o resultado utilizamos a receita bruta menos o custo total, como mostra a formula a seguir (LOPES & CARVALHO, s.d).

$$\text{Resultado} = \text{receita bruta} - \text{custo total}$$

10. RESULTADOS

O estudo foi realizado na propriedade Chácara dos Vinhedos, localizada em Formosa – GO durante o ano de 2015.

A análise dos custos se deu através de documentos e informações disponibilizados pelo proprietário e em visitas na propriedade, seguindo as teorias da área de pesquisa de contabilidade de custos, sempre buscando agregar as especificidades do setor agrícola. As bases das informações sobre o cultivo, economia e mercado do setor foram da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa, Companhia Nacional de Abastecimento – Conab e Instituto Economia Agrícola- IEA.

O custo total de produção da propriedade analisada foi de R\$ 41.792,56, os custos fixos e variáveis representaram, 48,6% e 49,9% respectivamente, a depreciação representou 1,5% dos custos, todos descritos na tabela 7. O baixo custo com depreciação se deu a propriedade não possui maquinário para a realização das atividades.

A propriedade não possuía o valor final do projeto de irrigação, dessa forma para a base de cálculo da depreciação deste bem, foi utilizado a referência da Embrapa (Custo e Rentabilidade do cultivo da videira Niágara Rosada em Regiões Tropicais), cujo o valor da irrigação (microaspersão) foi de R\$ 7.700,00.

Tabela 7: Custos de produção em 2015 para 1 ha. de uva tipo Niágara Rosada

Descrição	Valor	%
I - CUSTOS FIXOS		
1 - Remuneração da mão de obra familiar	R\$ 14.040,00	33,6%
2 - Parcelas de financiamentos	R\$ 6.289,74	15,0%
TOTAL CUSTOS FIXOS	R\$ 20.329,74	48,6%
II - CUSTOS VARIÁVEIS		
1 – Insumos	R\$ 13.156,73	31,5%
2 – Combustível	R\$ 4.761,07	11,4%
3 - Mão de obra temporária	R\$ 2.600,00	6,2%
4 – Energia	R\$ 325,60	0,8%
TOTAL CUSTOS VARIÁVEIS	R\$ 20.843,40	49,9%
III - CUSTOS OPERACIONAIS		
TOTAL CUSTOS OPERACIONAIS	R\$ 41.173,14	98,5%
IV – DEPRECIAÇÃO		
1 – Carro	R\$ 296,98	0,7%
2 - Pulverizador costal	R\$ 9,81	0,0%
3 - Cobertura do parreiral (telado)	R\$ 235,63	0,6%
4 – Irrigação	R\$ 77,00	0,2%
TOTAL DEPRECIAÇÃO	R\$ 619,42	1,5%
<i>CUSTO TOTAL (III + IV)</i>	<i>R\$ 41.792,56</i>	<i>100,0%</i>

Fonte: próprio autor a partir da propriedade pesquisada

Segundo a Conab os custos totais de produção, em uma pesquisa realizada em Flores da Cunha – RS, na safra 2013/2014 totalizou R\$ 15.878,76,

a diferença de valores, pode ser justificada por diversos motivos, como por exemplo, que a Conab realiza média dos custos das propriedades, a necessidade de controle de alguma praga ou doença em Goiás aumentando o custo, e principalmente, porque no Rio Grande do Sul é realizado apenas um ciclo de produção ao ano, dessa forma os custos correspondem apenas a metade, já que este estudo foi realizado em um ano completo, ou seja, dois ciclos produtivos.

A comercialização da produção é realizada com duas qualidades de uva, as de primeira qualidade, que foram vendidas a R\$ 8,00 e as de segunda qualidade vendidas a R\$ 6,00. A produção é contabilizada após a retirada das uvas do parreiral, no ano em estudo a produção total somou mais de oito toneladas, sendo 92% da qualidade 1 e 8% da qualidade 2, como mostra a tabela 8

Tabela 8: Volume de Produção.

Produção	Valor
Volume de produção - Kg (qualidade 1)	7486,25
Volume de produção - Kg (qualidade 2)	622,2
VOLUME TOTAL	8108,45
Preço unitário (qualidade 1)	R\$ 8,00
Preço unitário (qualidade 2)	R\$ 6,00

Fonte: próprio autor

Os custos unitários demonstram o custo por unidade do produto, ou seja, por Kg de uva, além disso servirem de base para outros indicadores, como o ponto de equilíbrio. Nas fórmulas a seguir estão os cálculos destes métodos.

$$CV_u = \frac{R\$ 20.843,40}{8.108,45 \text{ Kg}} = R\$ 2,57/\text{Kg}$$

$$PE_q = \frac{R\$ 20.329,74}{R\$ 8,00 - R\$ 2,57} = 3.743,97\text{Kg}$$

Com os cálculos apresentados acima podemos concluir que o ponto no qual a quantidade produzida cobrirá os custos é de 3.743,97 Kg, sendo que a partir dessa produção haverá lucro.

Como apresentado na referência e nos cálculos realizados a empresa se encontra em situação econômica favorável a curto, médio e a longo prazo, podendo realizar mais investimentos, caso necessário.

O resultado ou o lucro, se dá através da receita total menos o custo total, dessa forma podemos afirmar que no ano de estudo o lucro da produção foi de 34,3% em relação a receita total. Vale ressaltar que o volume de produção ainda está abaixo do que mostram notícias de produtividade de algumas regiões do Goiás, que podem ultrapassar as 40 mil ton já que o sistema permite duas safras ao ano.

CONCLUSÕES

A produção de uva no Centro-Oeste está cada vez mais expressiva, muitos produtores estão identificando a cultura como uma oportunidade. É uma alternativa tanto para grandes produtores, quanto para agricultores familiares.

Por ser um cultivo relativamente novo, os produtores ainda enfrentam muitas dificuldades, principalmente com mão-de-obra especializada, tanto técnica como operacional. Na Chácara dos Vinhedos o produtor realizou diversas mudanças no sistema de produção devido as diferenças em relação ao Rio Grande do Sul, local de origem do proprietário, vários testes foram feitos para que ele conseguisse acertar o tipo de poda, o controle das doenças, e as variedades de porta enxerto, obrigando o replantio de parte do parreiral ao longo dos últimos anos.

Atualmente o parreiral deveria estar no ápice da produção, mas devido a esses fatores, a falta de assistência técnica especializada e pouca informação, a produção está com níveis baixos, mas vem aumentando gradualmente.

A comercialização da uva é realizada somente *in natura*, com isso o produtor realiza as podas em escala, para que assim consiga ter menor quantidade de produto, mas distribuída por um período maior. Realiza-se podas quinzenalmente em talhões de 6 fileiras. No anexo II mostra os diferentes estágios da parreira quando é realizado o escalonamento de poda.

É muito comum encontrarmos propriedades agrícolas sem nenhum ou quase nenhum tipo de gestão ou controle das finanças, independentemente do tamanho. Os produtores acreditam que não são uma empresa, mas são realizadas operações iguais às de outras empresas que não são caracterizadas como agrícolas. A gestão realizada desta empresa era apenas anotações da quantidade produzida e controle das notas fiscais de compras de insumos para fins de legislação.

Apesar de todas essas dificuldades encontradas pela propriedade a produção de uva se mostrou viável, tanto em produtividade quanto em rentabilidade, mostrando a viticultura como uma ótima alternativa de produção para a região.

11. REFERÊNCIAS

BATALHA, Mário Otávio; **Gestão Agroindustrial: GEPAI – Grupo de estudos e pesquisas agroindustriais**; 3. ed.; Atlas; São Paulo, 2013.

BASSO, Irani Paulo. Contabilidade geral básica. 4. ed. Ijuí: editora Unijui. 2011.

CAMARGO, Umberto Almeida; **Árvore do Conhecimento: uva para processamento**, Embrapa Uva e Vinho; Bento Gonçalves – RS; [S.d]; disponível em:

<https://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/uva_para_processamento/arvore/CONT000g5f8cou802wx5ok0bb4szwyx060i6.html>; acesso em: 6 de janeiro de 2016 as 08:55

CAMARGO, Umberto Almeida Et.al; **Progressos na Viticultura Brasileira**; Revista Brasileira de Fruticultura; vol. Especial; ed. 144-149; Jaboticabal – SP, Outubro 2011.

CENCI, S. A; SOARES, A. G.; FREIRE JUNIOR, M. **Manual de perdas pós-colheita em frutos e hortaliças**. Rio de Janeiro: EMBRAPA-CTAA, 1997. 29p. (EMBRAPA-CTAA. Documentos, 27).

Conab; **Metodologia de Cálculo de Custo de Produção da Conab**; s.d e s.l.

CEPEA – Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada; **Perdas e Desperdícios na Produção de Alimentos**; Hortifrúti Brasil; Agosto 2015; disponível em: <http://www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/edicoes/148/mat_capa.pdf>, acesso em: 13 de janeiro de 2016, as 09:40 h.

DENARDIN, Anderson Antônio; **A Importância do Custo de Oportunidade para a Avaliação de Empreendimentos Baseados na Criação de Valor Econômico (*Economic Value Added* – EVA)**; UFRS, Porto Alegre 2004.

DURLO, Patrícia Monica, **Análise da viabilidade econômica e financeira para uma agroindústria de laticínios na cidade de santo augusto**; Ijuí, junho 2012.

Embrapa Semiárido; **Cultivo da Videira**; Julho, 2014. Disponível em: <<https://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Uva/CultivodaVideira/plantio.htm>>, acesso em: 06 de janeiro de 2016 as 11:33

Embrapa Uva e Vinho; **A vitivinicultura brasileira: realidade e perspectivas**; Bento Gonçalves, 2014; disponível em: <<http://www.cnpuv.embrapa.br/publica/artigos/vitivinicultura/>>; acesso em: 6 de janeiro de 2016 as 09:21.

Embrapa Uva e Vinho; **Cultivo da Videira Niágara Rosada em Regiões Tropicais do Brasil**; novembro 2003; disponível em: <<https://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Uva/UvaNiagaraRosadaRegioesTropicais/custo.htm>> acesso em 22 de março de 2016 as 19:06.

Embrapa Uva e Vinho; **Sistema de Condução da Videira**; Bento Gonçalves; 2014. Disponível em: <http://www.cnpuv.embrapa.br/publica/sprod/viticultura/siscond.html>, acesso em: 06 de janeiro de 2016 as 10:08.

FARIA, Sandra Santos, et. al; **Produção de uvas como atividade inovadora da agricultura familiar no Estado de Goiás**; Conjuntura Econômica Goiana, Junho 2013.

FARIA, Sandra Santos & WANDER, Alcido Elenor; **Inovação para a agricultura familiar: o exemplo do cultivo de uvas no Estado de Goiás**; Universidade Federal de Goiás; 2010

HERNANDES, José Luiz & JÚNIOR, Mário José Pedro; **Sistema de Condução em Manjedoura na Forma de “Y” e Cultivo Protegido para a Videira**; Boletim Técnico IAC, nº 211; Campinas – SP, 2011.

:<https://www.google.com.br/search?q=sistema+de+condu%C3%A7%C3%A3o+da+videira+espaldeira&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiR2liBkpXKAhXMIJAKHV_nBV0Q_AUIBygB&biw=1517&bih=741&dpr=0.9#imgrc=N0nfl5_LagMcoM%3A> pesquisado em 06/01/2016 as 10:12

<<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/prevsaf/default.asp?t=4&z=t&o=26&u1=36&u2=36&u3=36&u4=36>> pesquisado em: 14 de janeiro de 2016 as 14:34h

<https://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/uva_para_processamento/arvore/CONT000g5f8cou802wx5ok0bb4szwyx060i6.html> pesquisado em: 6 de janeiro de 2016 as 18:20h

IBGE, **Levantamento Sistemático da Produção Agrícola - pesquisa mensal de previsão e acompanhamento das safras agrícolas no ano civil, janeiro 2015**; disponível em:

<ftp://ftp.ibge.gov.br/Producao_Agricola/Levantamento_Sistematico_da_Producao_Agricola_%5Bmensal%5D/Fasciculo/lspa_201501.pdf>, pesquisado em, 14 de janeiro de 2016 as 16:10h.

IBGE, **Levantamento Sistemático da Produção Agrícola - pesquisa mensal de previsão e acompanhamento das safras agrícolas no ano civil, novembro 2015**; disponível em:

<[ftp://ftp.ibge.gov.br/Producao_Agricola/Levantamento_Sistematico_da_Producao_Agricola_\[mensal\]/Fasciculo/lspa_201511.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Producao_Agricola/Levantamento_Sistematico_da_Producao_Agricola_[mensal]/Fasciculo/lspa_201511.pdf)>, pesquisado em, 14 de janeiro de 2016 as 16:07h.

LOPES, Marcos Aurélio e CARVALHO, Francisval de Melo; **Custo de Produção de Gado de Corte**; ed. UFPA, Lavras, [s.d].

MARTINS, Eliseu; **Contabilidade de Custos**; 9º ed. São Paulo; Atlas,2009

PROTAS, U. A., & SILVA, J. F. (2011). Vitivinicultura Brasileira: Panorama setorial de 2010.

SALDANHA, Anáís Naomi Kasuya et.al; **Projeto de Redes de REferencias para a Agricultura Familiar: Análise dos resultados apresentados em uma das propriedades acompanhadas no período de 1998 a 2003**. In: XLII Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, 2004, Campo Grande - MT.

SANTOS, Gilberto José dos, Et. al; **Administração de Custos na Agropecuária**; 4. ed., São Paulo, Atlas 2009.

ANEXOS

Anexo I



Anexo II

